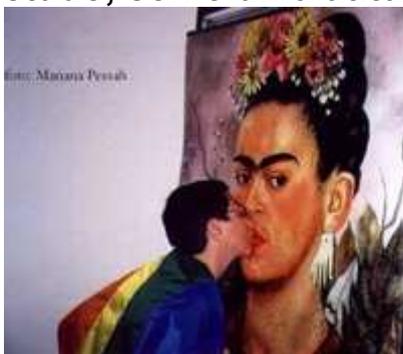


Pensando o *lesbianismo (ismo de prática) feminista

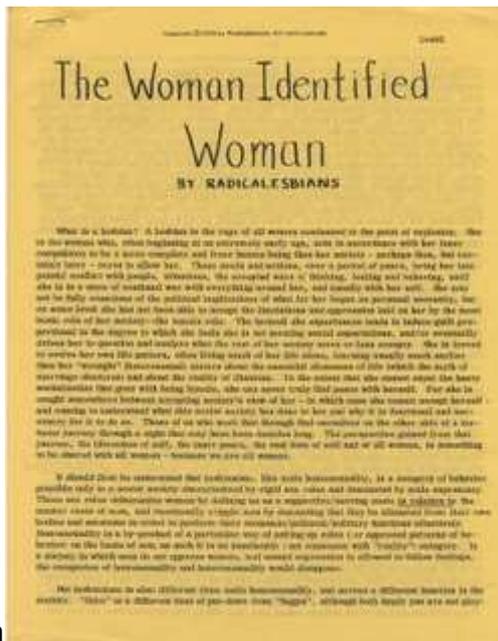
- Entrevista com Ochy Curiel

"O lesbianismo não se entende somente como uma prática sexual, mas também, sobretudo, como uma atitude de vida,



uma ética emoldurada em uma proposta política."

A afirmação é da ativista feminista Ochy Curiel. Em junho deste ano, o site do Projeto de Desobediência Informativa publicou um interessante artigo da ativista feminista intitulado "El lesbianismo feminista: una propuesta política transformadora". No documento, Ochy **defende o lesbianismo não como uma identidade, uma orientação ou uma opção sexual, mas como uma posição política.** Na entrevista a seguir, Ochy fala de como interpreta o movimento lesbofeminista como uma posição política, da representatividade que o movimento possui, dos grupos como o GLBT e das suas aspirações para o lesbianismo feminista. **"As lésbicas, as mulheres e a humanidade devem ter uma visão integral da realidade, pois o movimento deve afetar as políticas neoliberais, a guerra, o militarismo, o racismo, os fundamentalismos na vida das mulheres, isto é, como se manifesta realmente o patriarcado em todas as suas formas atuais"**, acredita ela.



Rosa Inés Curiel Pichardo (Ochy) nasceu na República Dominicana. É cantora e uma importante ativista do movimento lésbico-feminista. Desde a década de 1980, trabalha pelos movimentos populares através do Centro Dominicano de Estudos da Educação, em Santo Domingo. Ajudou a fundar do Ce-mujer, uma organização não-governamental de mulheres trabalhando no departamento de assessoria comunitária. Mais tarde, na década de 1990, Ochy passa a fazer parte da diretoria da Casa pela Identidade das Mulheres Afro, uma organização feminista na luta contra o racismo e o sexismo. Ochy também fez parte da Rede de Mulheres Afrolatinoamericanas e Afrocaribenhas. Tem sido organizadora de dois importantes encontros continentais: o Encontro de Mulheres Negras e o Encontro Feminista da América Latina e Caribe.

IHU On-Line – Como o lesbianismo feminista pode ser interpretado como uma posição política? Ochy Curiel – O lesbianismo feminista parte de um conceito-chave: **a heterossexualidade como norma obrigatória e como uma instituição política que diminui a autonomia das mulheres. Isso supõe entender a heterossexualidade não como prática sexual, mas como um sistema político que implica na exploração das mulheres nos planos sexual, emocional, material e simbólico. Essa exploração tem sido respaldada pelas leis, pela religião, pelas imagens midiáticas, enfim, por tudo. A heterossexualidade tem feito com que a independência e a autonomia das mulheres fiquem apagadas da história, propondo a idéia de que elas pertencem aos homens, seja como mãe, seja como esposa. A heterossexualidade obrigatória é usada para justificar o fato de**

que os homens pensam que o corpo das mulheres lhes



posse e retenção e, assim, seja apenas um objeto de exploração para cometer as violências sexuais, os femicídios, a exploração do trabalho etc. **O lesbianismo feminista explica que a mulher não depende econômica, emocional e materialmente dos homens. Esse já é um ato subversivo frente ao patriarcado e frente a todas essas formas de exploração e subordinação. Não necessitamos dos homens para viver, pois criamos redes solidárias entre mulheres, sejam elas lésbicas, ou não. Essas redes têm gerado outras formas de relação, de sexualidade e prazer, nem falocêntricas nem opressoras. São outras relações sociais não hierárquicas. A partir dessa posição, o lesbianismo, então, não se entende somente como uma prática sexual, mas também, sobretudo, como uma atitude de vida, uma ética emoldurada em uma proposta política.**

IHU On-Line – Qual é a representatividade do lesbianismo feminista hoje na América Latina? Qual é sua força política?

Ochy Curiel – Acho que não podemos falar em representatividade, porque no movimento lésbico-feminista nenhuma organização representa o resto das organizações, muito menos na América Latina. Acredito que, a partir dos anos 1990, atingimos o auge dos espaços lésbicos-feministas, graças ao impacto do feminismo que buscava, entre outras coisas, maior autonomia nas mulheres, fora dos partidos e sindicatos. Desde então, o corpo e a sexualidade passaram a ser centrais para a política e ele permitiu, além de questionar o caráter heterocentrado do feminismo, abrir novas brechas para o feminismo tanto como teoria social, quanto como prática política. O auge desta época se evidenciou em muitos grupos, redes, articulações, encontros internacionais, enfim, um sem-número de expressões políticas e culturais do lesbianismo feminista latino-americano que chegam até hoje em dia. **Sua força política é evidenciar a heterossexualidade como sistema político, opressora em relação às mulheres e à potencialidade do lesbianismo para nossa liberdade e autonomia.**

IHU On-Line – Que avanços você percebe no movimento lésbico-feminista desde seu surgimento?

Ochy Curiel – O avanço fundamental é que **muitas lésbicas entenderam a importância de dar ao lesbianismo um caráter político, respaldadas pela proposta feminista. O lesbianismo feminista latino-americano é uma das correntes que se mantém mais radical nos postulados feministas, ainda que reconheçamos a existência de muitas lésbicas feministas metidas na institucionalidade, burocratizadas, dentro do**



movimento “Lig ht”, como o GLBT.

Mesmo assim, acredito que este é um movimento com muita criatividade, apresentando cinema, textos teóricos, músicas etc. Acredito, igualmente, que ele tem criado impacto no feminismo e nos movimentos sócio-sexuais, ainda que estes não sejam reconhecidos.

IHU On-Line – O movimento ainda é mal interpretado pela sociedade civil?

Ochy Curiel – A sociedade civil é um conceito muito amplo e muito complicado, porque a constituem desde os movimentos sociais até o empresariado, desde os setores da esquerda até os setores de direita. **No geral, é claro que ainda não é um movimento muito bem visto por muitos setores, porque é um dos movimentos mais radicais. A autonomia e a radicalidade das mulheres nunca são bem vistas pelos setores conservadores, sejam de esquerda ou de direita.** A lesbofobia é um fenômeno muito intenso em nossos países. Além disso, acredito que ainda não temos força política para dentro da nossa sociedade conservadora, e isso se deve ao fato de que ser uma lésbica pública significa correr muitos riscos, lamentavelmente.

IHU On-Line – No artigo “El lesbianismo feminista: una propuesta política transformadora”, você fala que o movimento lésbico-

feminista passou por um retrocesso na década de 1990. Este retrocesso ainda existe?

Ochy Curiel – Sim, acredito que ainda existe. Creio que um dos fenômenos foi a **institucionalização que tocou a todos os movimentos sociais**. Já o trabalho político mais horizontal de construção coletiva depende do Estado, dos financiamentos internacionais, que já quase não existem, pelo menos não como

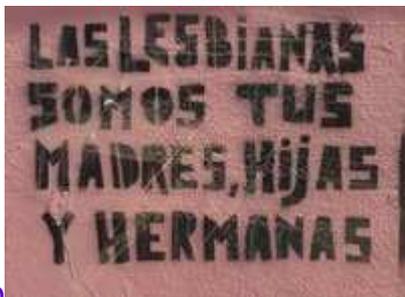


antes. O que existem são ONG's burocratizadas, tecnicizadas, de serviços, que têm muito poucos coletivos autônomos. Somado a estes problemas, está a crise econômica pela qual nossas países têm passado, devido à globalização e ao neoliberalismo, que fazem com que cada vez mais os espaços de trabalho se reduzam. Então, se para as mulheres isto é difícil, para as lésbicas é ainda mais, pois o tempo que poderiam dedicar às ações políticas se reduz drasticamente. Outro fenômeno que acredito que tem a ver com esse retrocesso **foi a entrada do gênero como perspectiva política, pois isso fez perder a radicalidade feminista e, unida a este tema, a inviabilização das lésbicas que se reconhecem como parte do movimento GLBT, um movimento de discurso tolerante, mas sem projetos políticos. Algumas alianças estão vazias de conteúdo, como o GLBT, que, para mim, é um movimento misógino e antifeminista.**

IHU On-Line – Qual é seu principal objetivo quando diz que o movimento "tem uma responsabilidade histórica de afetar este mundo"?

Ochy Curiel – Eu falo por mim, e não pelo movimento. **Acredito que o lesbianismo feminista é uma proposta transformadora e revolucionária das relações de opressão e subordinação que se exerce sobre todas as mulheres.** Acredito que **as lésbicas feministas, como toda aquela pessoa que pensa que é possível transformar este mundo para o bem, devem trabalhar mais politicamente nos bairros, nas universidades, no movimento artístico, entre os acadêmicos, escrevendo com propostas críticas e, ao mesmo tempo, positivas.** Acho que o lesbianismo feminista não somente deve centrar-se na sexualidade, como também deve

considerar como afeta as raças, as classes etc. As lésbicas, as mulheres e a humanidade devem ter uma visão integral da realidade, pois o movimento deve afetar as políticas neoliberais, a guerra, o militarismo, o racismo, os fundamentalismos na vida das mulheres, isto é, atingir tudo aquilo que manifesta realmente o patriarcado em todas as suas formas atuais.



No essas propostas políticas não se diluem em temas como a identidade, pois consideram tanto nossas vidas privadas como públicas, além de nossas subjetividades macroestruturais. É uma proposta que precisa transformar-se em um projeto que transpassa fronteiras, descolonizador de nossas vidas. Essa, para mim, é a proposta do lesbianismo feminista. (www.unisinos.br/ihu)

Publicada por Patriarkill ♀

[Lesbianidade é Destino](#)

Não têm nojo de porra, mas têm nojo de si e das outras

O que eu vejo em muitas mulheres é algo inverso. Parece que elas projetam o que a de ruim nelas ou em outras mulheres. Elas não tem nojo de engolir, se melarem com espermas, mas tem nojo da própria vulva, da menstruação, do próprio cheiro... Acham que mulheres são mais fracas, mais dependentes, elas dizem coisas como 'Eu gosto de futebol e jogo bem, sou diferente das outras mulheres', elas fantasiam as habilidades dos homens - como se eles fossem melhores em tudo - elas não confiam em si mesmas, mas em homens canalhas 'confiam', elas desprezam as habilidades profissionais de outras mulheres.

(Camila Livino, em fórum de



orkut

Quando a gente não tem mais medo de si, não tem mais medo de buceta, quando a gente curte buceta, curte chupar uma buceta, curte penetrar nossos dedos na buceta (nossa ou da irmã mulher o que possui praticamente as mesmas implicações), superando a aversão implantada em nós pelo sistema misógino, (que me permite até falar BUCETA a exaustão e você ler sem achar aversivo) e ter tal proximidade absurda com um corpo feminino, estamos aceitando radicalmente o nosso próprio corpo, olhando pra ele de forma totalmente aberta e direta. Não há nada tão libertário como esse autoconhecimento e autoaceitação radical. Quando amamos a irmã, amamos consequentemente a nós mesmas. Resgatamos um sentido de identidade muito mais completo, íntegro, total. Resgatamos uma autoestima, autoconfiança e segurança. Nosso andar se torna mais seguro e firme. Não há mais volta, conhecemos o que é ser um ser humano consciente de suas próprias possibilidades e totalmente a vontade consigo próprio que não tolera mais nenhuma invasão e desconforto. Quer liberdade, quer ter o andar livre, o corpo solto. Transmitimos nossa imunidade e impenetrabilidade e espontaneidade, a sociedade fica tão espantada com essa mulher pura integridade que reage, falando: que sapatão! Andei observando que os cursos de educação FÍSICA são os que mais têm dykes. Acredito ser emblemático de que Lesbianidade é uma forma de educação e ressignificação física do corpo feminino tão marcado por séculos de opressão e repressão. A amiga educa este corpo, o liberta, o conscientiza.

O sexo lésbico gera autoconhecimento absurdo, de suas próprias possibilidades, capacidades, de aspectos inusitados, desconhecidos, de si. Podemos não poder encher nossa buceta diretamente como um homem enxerga seu pinto, mas podemos conhecer nossa própria buceta através da da companheira,

podemos olhá-la por horas a fio, cada meandro que a compõe, tal como se fitássemos o profundo de nosso próprio ser. E ao mesmo tempo, comparar os corpos, e observar as variações, as variedades de mulheres, de companheiras, que compõem nossa coletividade, essa maravilhosa herança feminina que tantas tanto temem se apossar. Há amigas que terão seios maiores, seios mais caídos, seios mais enxutos, seios mais pontudos, há amigas que terão um clitóris comprido, outras um clitóris perdido pelas carnes, outras lábios vaginais carnosos, cores diferentes, matizes, odores, pelos pubianos, formas.

Todo esse conhecimento derivado é empoderador.

Emocionalmente, psicologicamente, corporalmente, socialmente empoderador. Aplicamos esse conhecimento em nós. É uma base comum. É um corpo como o meu. Soberania e identidade. Tática de Guerrilha. Conhecemos nosso próprio território. Nos conhecemos.

Conhecemos a irmã. Temos uma linguagem em comum, um matrimônio coletivo (pra não falar patrimônio) e construído coletivamente, próprio nosso, um bem só nosso, e uma linguagem em comum que nos permite nos comunicarmos com todas nossas irmãs independente das fronteiras estabelecidas. Algo inalienável.

Não tirarão de nós. Não faltam investidas: invisibilização feita sob aspectos de pornografia, romances masculinos, misoginia e lesbofobia em geral como estas e tantas outras. Pseudolesbianismo fetiche pra machos. Mas isso não nos ameaça. Só mostra o grau do horror desses homens de conceberem sua própria inexistência.



Aplicamos esse conhecimento em nós. Independência. Masturbação. Dou me prazer, dou me amor, dou me a mim. Dedico

me a mim, e nao mais a um macho, uma autoridade, um sistema moral. E esse dar a mim é o dar a minhas irmãs, a todas nós. Conhecendo o meu corpo, conheço o da minha irmã. É uma comunicação coletiva, linguagem só nossa, ultrapassa fronteiras de tempo, espaço, cultura.

Sexo hetero não passa de alienação, invasão de um corpo estranho, escolha objetal forçada por coerções sociais diversas muitas vezes não perceptíveis claramente, escolha objetal que nega nossa natureza e destino. Lesbianidade é destino. Originário é o amor mae-filha. O Pai intercede, castra, aparta, trafica essa filha, se apossa dessa mãe, instaura a divisão. Divisões e mais divisões são feitas pra nos alienar de nossas irmãs. Tudo se interpoe entre nós. Mas enfim aqui estamos: agora sabemos o que se passou. E não levaremos adiante essa farsa. Amarei minhas irmãs, destruirei todo esse auto-ódio introjetado, essa misoginia pervasiva, esse medo de mim.

Publicada por Patriarkill ♀